

SOCIABILIDADE, ENVELHECIMENTO E TRABALHO INFORMAL

Monique Borba Cerqueira¹

Resumo. A dura realidade enfrentada por trabalhadores do setor informal remete à fragilidade do modelo de proteção social brasileiro e ao conseqüente agravamento da pobreza e desigualdade no Brasil. É neste contexto que as transformações ocorridas nas últimas décadas no mundo do trabalho, evidenciadas através da profunda crise de empregabilidade, vão produzir impactos dramáticos na qualidade de vida e sociabilidade das pessoas. Nesse sentido, as relações entre trabalho e saúde sofrem mutações cujo principal agravante é o fato de que no universo informal o indivíduo será destituído de qualquer direito ou garantia trabalhista.

Palavras-chave: Sociabilidade – envelhecimento – trabalho informal

Abstract. The difficult reality faced up to by this group of workers reveals a fragility of the brazilian's social protection model and the consequent intensification of poverty and inequality in Brazil. Inside this context, the work market's transformations occurred during the past decates, showed up by a

¹ Bacharel em Ciências Sociais (UERJ), Mestre em Sociologia (UNICAMP), Doutora em Políticas Sociais e Movimentos Sociais (Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social da PUC/SP), Pesquisadora Científica do Núcleo de Condições de Vida e Situação de Saúde do Instituto de Saúde – (SES/SP).

hard employment crisis, will produce dramatic impacts on people's life quality and sociability. In this sense, the relationship between work and health suffers a distortion and the major problem is that once in the informal universe all worker's labour rights and guarantees will be removed.

Key words: Sociability – ageing - informal work

INTRODUÇÃO

Formas de sociabilidade implicam o reconhecimento e a análise de manifestações sociais na vida cotidiana, exigindo o desvendamento de diferentes aspectos da realidade social. Ainda que a sociabilidade seja um conceito amplamente utilizado em distintos quadros metodológicos, encontra-se diretamente ligado às relações sociais promovidas pelas interações cotidianas do indivíduo. Assim, a idéia de sociabilidade sempre estará presa à capacidade de interação de sujeitos, grupos e coletividades, bem como à possibilidade destes adequarem-se socialmente a novas situações (GRAFMEYER, 1995).

Este artigo conduz à noção de sociabilidade tecida em pequenos grupos de ocupação informal, cuja prática laboral realiza-se no espaço público, mostrando o jogo de pertencimento simbólico capaz de vincular homens velhos (60 a 82 anos) que, por circunstâncias sociais e econômicas, estão presos ao mercado informal

de trabalho e aos desafios do trabalho na rua.

Este artigo é um pequeno recorte de minha dissertação de mestrado em sociologia, realizada na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), onde foram estudadas as relações sociais e os modos de vida de homens, então, vinculados ao universo informal de trabalho, a exemplo do homem *sanduíche* e do homem *plaqueiro*.

2. UM UNIVERSO À PARTE – A “PAISAGEM TRABALHO” NAS RUAS DA CIDADE

2.1. HOMEM-SANDUÍCHE

Homem-sanduíche é aquele que veste o chamado “colete”, espécie de vestimenta, geralmente plastificada, com frente e verso (costas), onde são colocados anúncios, em sua maioria, de emprego. Tal atividade, por sua característica peculiar, faz desses trabalhadores verdadeiros “homens-mídia”. Uma mídia braçal, inscrita nos corpos de pessoas humildes, veiculando mensagens, geralmente direcionadas às camadas populares. Observa-se que a maioria dos empregos oferecidos pelos homens-sanduíche são as chamadas vagas de nível operacional, os cargos mais “simples” a serem preenchidos em uma empresa (porteiros, motoristas, ajudantes gerais).

Os homens-sanduíche são indivíduos cuja

aparência é marcada pelo tempo. Tempo que também é o indicador de uma vida inteira de trabalhos pouco qualificados, cujas marcas estão gravadas de forma definitiva no corpo. Muitas evidências do tempo são percebidas na postura curvada, na voz baixa, no desenho das rugas em cada face. Marcas corporais profundas que contam histórias de vida, saúde, doença, lembrando que nas ruas a faixa etária de plaqueiros e homens-sanduíche pode variar de sessenta a pouco mais de oitenta anos em alguns casos.

Os cabelos brancos e despenteados, às vezes, acalmados por um chapéu; terno desbotado e sapatos surrados compõem a indumentária oficial deste grupo de trabalhadores que ocupa a região central de São Paulo. Mas nada faz esses homens perderem a dignidade: nem o sono — muitos dormem sentados durante o trabalho — nem a chuva ou aquele mal-estar diário provocado por dores que “andam” ao longo de todo o corpo. São oito horas, inegociáveis, de trabalho diário na rua.

Um dos maiores paradoxos da atividade — esses homens idosos, muitas vezes com tristeza e cansaço estampados no rosto, desempenham a função de dar esperança aos vencidos pelo mercado de trabalho. A mensagem trazida pelo homem-sanduíche é a oferta de emprego aos mais jovens e, quem sabe, a chance de uma nova vida. Por outro lado, aquela imagem do homem cujas forças já foram consumi-

das por uma vida inteira de trabalho, que parece jamais ter fim com a luta que prossegue na informalidade, significa uma cruel vitrine do futuro. As manhãs de segunda-feira são as mais concorridas. Uma pequena multidão de desempregados cerca os homens-sanduíche. Muitos ficam de pé, girando para mostrar a frente e o verso do colete. Neste momento, esses homens são o centro das atenções para quem circula pelas ruas do centro em busca de uma oportunidade de emprego.

Corpos e anúncios em exposição. A simples imagem dos homens-sanduíche conta a difícil história de suas vidas. Mesmo com todo o sacrifício e desgaste provocado pelo trabalho na rua, certamente, há uma maior “valorização” da função de homem-sanduíche, devido ao tipo de vínculo mantido com as consultorias de RH e a melhores relações de trabalho, segundo o depoimento de vários informantes. Isto é um consenso entre os próprios trabalhadores que apontam vantagens e desvantagens em serem plaqueiros ou homens-sanduíche. Muitos, inclusive *falam de cadeira* pelo fato de já terem ocupado ambas as funções. Outros, ainda, citam a competição entre eles para colocar um amigo ou empregarem a si mesmos nas consultorias. Em algumas consultorias estes trabalhadores são contratados como funcionários da empresa, ganhando salário mínimo e tendo acesso aos direitos trabalhistas. Eviden-

temente, isto é raro e acontece apenas com os candidatos mais jovens. Os aposentados costumam receber diárias ou salários quinzenais. Vários homens-sanduíche disseram estabelecer boas relações com seus empregadores do setor de RH, expressando a existência de ligações afetivas. Na seleção dos homens-sanduíche predomina o sistema de indicação, cuja dinâmica baseia-se em cultivar relações de confiança mútua entre o trabalhador e a empresa de consultoria em RH.

O homem-sanduíche representa para as consultorias de RH a eficiência na divulgação de empregos feita nas ruas, numa relação custo-benefício bastante vantajosa para as empresas. No caso da atuação dos homens-sanduíche nas consultorias de RH, as relações de trabalho mediadas por laços de confiabilidade e afetividade mútuos, acabam sendo um mecanismo de compensação pela baixa remuneração, desprestígio e precariedade das condições de trabalho. Além disso, tais relações de proximidade ultrapassam a dimensão restrita ao ambiente de trabalho, penetrando na ordem da intimidade e representando um maior controle sobre eles, comprometendo-os a uma fidelidade e gratidão absolutas.

Sem dúvida, o homem-sanduíche acabou se tornando uma necessidade das próprias empresas de RH, significando economia de tempo e dinheiro, uma vez que as agências vêm sendo afetadas por uma rápida e cres-

cente terceirização do setor de recrutamento e seleção, o que exige excelente desempenho e resultados imediatos como condição para sobrevivência no mercado. É também importante lembrar que o homem-sanduíche é o “garoto propaganda” da empresa, transmitindo com eficiência uma mensagem de excluído para excluído. Ele deve passar confiabilidade e estabelecer o primeiro contato com os candidatos. Na rua, homem-sanduíche e desempregado estabelecem uma relação de maior proximidade, sem as barreiras que, muitas vezes, fazem as pessoas humildes não procurarem as agências de emprego.

Não é à toa que o quesito frequência seja a principal exigência feita para admissão desses trabalhadores, porque hoje 24h para o RH é pouco e a manutenção desse sistema de apoio ao recrutamento feito nas ruas pelos homens-sanduíche é barato e funcional para a empresa. Parece que esses fatores explicam as relações de trabalho diferenciadas entre plaqueiros e homens-sanduíche.

Mas é importante ter claro que o que suaviza o trabalho dos homens-sanduíche é o fato de não desempenharem uma função vinculada à ilegalidade — fator que tem um custo maior, considerando-se todas as incertezas do trabalho na rua — e de estabelecerem uma certa relação de afetividade com o empregador. No mais, as condições de trabalho na rua são, praticamente, idênticas a dos plaqueiros.

MONIQUE BORBA CERQUEIRA

O cumprimento da carga horária é de 8 horas diárias, em semana de 5 dias, enfrentadas com sol ou chuva. Os ganhos mensais giram em torno de 1 ou 1 e 1/2 salários mínimos.



Foto 1: Homem-Sanduiche.



Foto 2: Homem-Sanduiche.

2.2. HOMENS PLAQUEIROS

O plaqueiro também é um anunciante ambulante nas ruas. Caracteriza-se por empunhar um pedaço de pau, medindo em torno de 2 metros de comprimento, cuja extremidade possui uma placa pregada, onde são inscritos os anúncios. As principais atividades divulgadas pelos plaqueiros são o comércio de ouro, tickets refeição, passes, atestados médicos, fotos 3x4 e serviços de advocacia. A maior parte das atividades divulgadas são ilícitas. Os plaqueiros dizem que a desonestidade domina entre os empregadores, pois quando as placas são apreendidas, estes punem os plaqueiros, não pagando o dia de serviço trabalhado. A polícia costuma coibir e, eventualmente, apreender as placas com o anúncio de ouro, alegando que este tipo de comércio ilegal incita o furto de jóias no centro da cidade. Além disso, outra alegação para a apreensão das placas é a potencialidade que elas têm de se tornar uma ameaça à segurança pública, podendo ser utilizadas como armas nos quebra-quebra, envolvendo a polícia, guarda municipal e ambulantes.

A maioria dos plaqueiros trabalha em pé e costuma ocupar um mesmo ponto na rua, ao contrário dos homens-sanduiche que têm mais liberdade para se deslocar, podendo mais facilmente trabalhar sentados ou andando. Alguns plaqueiros sofrem uma fiscalização de funcio-

nários encarregados, principalmente, quando vinculados ao comércio de ouro. Esta vistoria torna mais difícil o cotidiano desses trabalhadores que precisam estar sempre nos seus postos e com as placas visíveis ao público. No caso dos plaqueiros, as relações com o empregador são bastante objetivas. O pagamento é feito através de diárias. Quem faltar, perde o dia. Já para os anunciantes de fotos e atestados de saúde é pago um percentual sobre aquilo que o cliente consumir. Neste caso, para receber o pagamento, o plaqueiro tem que levar o cliente até o patrão e retirar uma senha que comprova a venda do serviço.

Alguns empregadores parecem ser bastante tolerantes com as faltas dos trabalhadores, até porque estas não são remuneradas e porque muitas vezes existem grupos de plaqueiros anunciando um mesmo produto ou serviço. A maioria dos plaqueiros comparece diariamente às ruas, faltando apenas por problemas de saúde, chuva ou muito frio.

MONIQUE BORBA CERQUEIRA

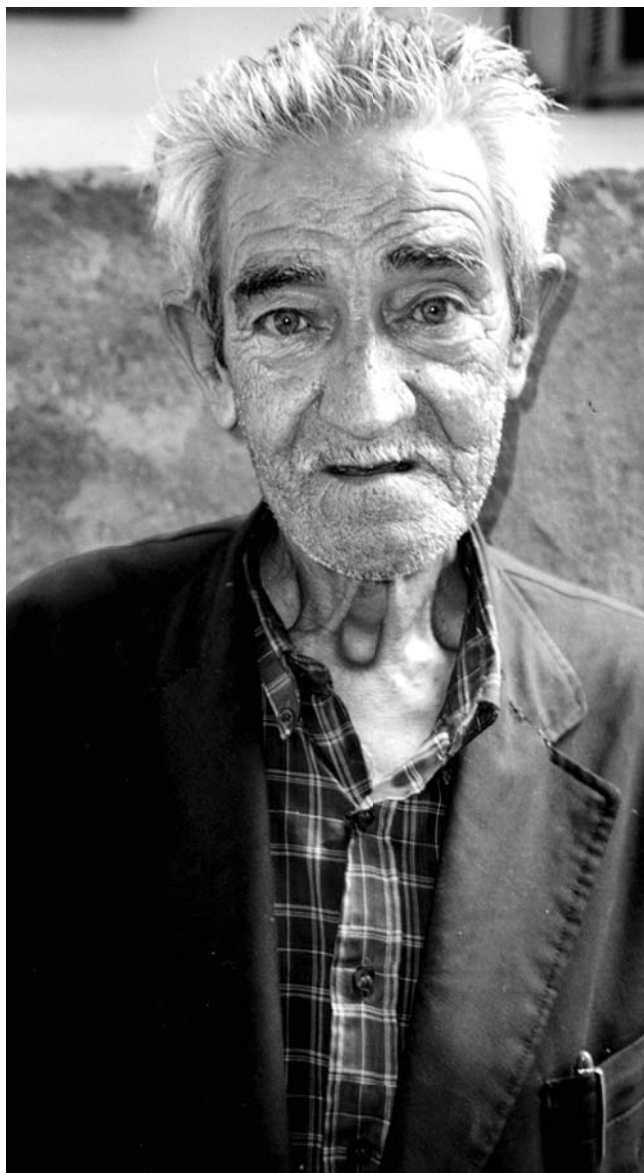


Foto 1: Homem-Plaqueiro.

[100] MEMORIALIDADES, Nº 9 e 10, JAN-DEZ 2008, p. 89-105.

3. SOCIABILIDADE DOS TRABALHADORES: NOVOS CONTEXTOS DE “SER” E “FAZER”

Uma dupla mutação — espacial e laboral — informa o contexto do trabalho informal em camadas empobrecidas da população (BUARQUE, 2000). A vida daqueles que atuam no espaço público (rua) é marcada pelo risco, ilegitimidade, ausência de normatividade, relações de poder amplamente desiguais, levando à subproletarização dos trabalhadores. A experiência subjetiva dos indivíduos remetidos à subalternidade do trabalho nas ruas revela a alternância de sensações onde prevalecem o vazio, a indignidade e a humilhação na rotina de trabalho. Acrescenta-se a isso um cenário de problemas de saúde, muitos casos de aposentadoria por invalidez e um alto consumo de medicamentos pelos trabalhadores.

A baixa qualificação educacional e profissional aponta para uma renda de um a três salários mínimos, onde a maioria dos indivíduos é chefe de família, responsável por filhos desempregados e netos, com implicações no orçamento familiar como indicam as despesas mensais básicas: alimentação, saúde, educação e moradia (aluguel ou prestações da casa própria).

A família para esses trabalhadores é o principal vínculo social e ponto de apoio e honra do velho chefe de família. A saúde aparece como valor moral que o constitui como homem forte, apto ao trabalho e digno socialmente. Portanto,

a doença só é doença quando, no ápice da sua intensidade, cria um fato inequívoco para o trabalhador. A debilidade física ou mental suportável acaba sendo considerada pelo trabalhador como um registro de normalidade. Por outro lado, a relação trabalho/saúde expõe seus contornos cruéis, evidenciando que as várias formas de sofrimento experimentadas pelo corpo fazem da doença uma experiência mimética que obedece à circunstancialidade do trabalho informal. “O corpo é o instrumento do trabalho, não apenas para sobreviver, mas para mostrar-se forte. Também a saúde tem um valor moral” (Sarti: 1996, p.69). Ainda, segundo Sarti (1996), a saúde aparece como registro de riqueza única e preciosa para o pobre, aquilo que lhe dá “disposição para trabalhar” e é concedida por uma ordem natural, expressa pelo poder divino. Saúde e trabalho são valores profundamente relacionados à constituição da dignidade, tão importante para o homem pobre. Nesse sentido, o trabalho transcende a lógica de inserção econômica e ganha um significado que qualifica moralmente aquele que trabalha. Trabalho é também sinônimo de honestidade. É assim que o trabalhador na condição de *homem forte* e possuidor de saúde cumprirá o papel de provedor da sua família, através de uma relação de respeito e confiança com o seu patrão. Nessa direção, compreende-se a necessidade de plaqueiros e homens-sanduíche ocultarem, ao máximo, sua fragilidade corpórea, intensificada pela ida-

de avançada do grupo. O sofrimento suportado pelos trabalhadores permite que o seu reconhecimento enquanto homens simples seja preservado no mundo social.

Nos encontros fortuitos durante o trabalho na rua esses homens desconfiam, hostilizam e pouco se relacionam entre si. A rua parece moldar tais atitudes, obrigando ao comportamento permanentemente defensivo. A rua parece moldar também desejos, intenções e visões de mundo (RIGOTTO e ROCHA, 1994). As cenas sociais mostram valores e práticas sociais marcados pela tensão constante na vida de trabalhadores cuja representação social da velhice, seja positiva ou negativa, é invisível às exigências do processo produtivo. A estruturação familiar é o fenômeno que baliza o sentido de ser trabalhador e ter valor no mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BUARQUE, C. Olhar a (da) rua. In: BURSZTYN, M. (org). *No meio da rua. Nômades, excluídos e viradores*. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

GRAFMEYER, Yves. *Sociologia Urbana*. Lisboa, Europa-América, 1995.

SARTI, C. A. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. Campinas: Autores Associados, 1996.

RIGOTTO, R.M; ROCHA, L.E. Como
conduzir-se diante dos agravos à saúde dos
trabalhadores? In: BUSCHINELLI, J.T.P;
ROCHA, L.E.; RIGOTTO, R.M.(orgs). *Isto é
trabalho de gente?* Petrópolis: Vozes, 1994.

Recebido em agosto de 2008
Aprovado em novembro de 2008